ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO, IRMÃO & C.ª

Assignatura, anno 2:000 réis — Por mez 200 réis — numero avulso 50 réis. — Para as provincias remettido pelo correio, anno 2:200 réis.
Subscreve-se no Escriptorio, Rua da Boa vista, 4 B. — Vende-se avulso nas principaes livrarias.

1.º ANNO — JULHO 1 — 1857.

BRAZIL.



Vista da entrada do porto do Rio de Janeiro.

INTRODUCÇÃO.

Uma empreza, por ventura habilitada com os melhores meios que a arte fornece em Portugal, começa hoje a publicação do semanario *Archivo Pittoresco*.

D'esses meios e da sua habilitação cerra aqui tudo quanto emprezas similhantes costumam dizer; e para nem enganar o publico, nem exaggerar o proprio merecimento, contenta-se com apresentar a sua obra, e as suas vocações, á decisão do juizo illustrado dos leitores.

Poucas palavras explicam a missão do *Archivo*, mas essas não consente a obrigação solemne, que a empreza vae contrahir, que se calem, para que ninguem se julgue com direito de exigir ou esperar d'elle, mais do que ella promette.

Indo pedir á plastica a illustração das suas paginas, o *Archivo* procura fomentar a nossa gravura em madeira, dar relevo á palavra, e abrir campo em que as vistas curiosas espaireçam, sobre as creações da arte, da natureza, ou da phantasia.

Jornal portuguez, e para portuguezes, o fim principal que se propõe é ser util ou agradavel a ambos os hemispherios, em que se falla a bella lingua que immortalisou Camões.

Para o conseguir, ha de ir á natureza de Portugal, das suas ilhas, das suas posseções, e do seu irmão o Brazil, copiar os quadros que são dignos de contemplação, e que extasiam os sentidos com a sua magestade.

A cada monumento perguntará a sua historia, a cada geração os seus costumes, a cada seculo a sua civilisação.

Penna e buril dar-se-hão mãos n'este commettimento patriotico.

A par do que é mais distincto, entre os que escrevem na nossa rica e melodiosa lingua, formará a intelligente e esperançosa pleiade d'artistas, cujo talento e brios o ocio forçado estava a ponto de ir amortecendo de todo.

Conseguir fazer um publicação do genero do *Archivo*, verdadeiramente portugueza, interessante e lisonjeira ás nossas artes, á nossa historia, e consentanea a todos os nossos adiantamentos, segundo as exigencias d'esta epocha, não fôra cousa facil, se a empreza não contasse com grande auxilio local da parte de todos os seus irmãos, que povoam ambos os mundos.

De Portugual e do Brazil, das ilhas adjacentes e das possessões ultramarinas, da nossa India e da nossa China, sollicita o *Archivo* a collaboração de todos os portuguezes, e amigos de Portugal e de seus filhos, que comprehendam bem o alcance d'esta publicação, e queiram no que escreverem cingir-se ao seu espirito.

Se este semanario offerece a todos as suas columnas, e os buris dos seus gravadores, espera que não haja occasião de se dizer jámais, que appellando a tão fraternaes e illustrados sentimentos, corações generosos ficaram mudos, e não responderam ao abraço que de longe lhes offerecia, atravez das serras e dos mares, a empreza do *Archivo Pittoresco*.

Em boa hora para o publico e para a empreza comece esta publicação, destinada a preencher uma grande lacuna na nossa imprensa litteraria!

RIO DE JANEIRO

O porto do Rio de Janeiro é magnifico, todo matizado de ilhas encantadoras. D'este nome, primeiro dado á enseada ou bahia, que tem a embocadura para a parte do sul, participou depois a cidade, que sobre ella se fundou. Um erro geographico lhe desvirtuou a propriedade do nome. Os primeiros exploradores que seguiam a costa do cabo de S. Roque para o sul, com tres caravellas commandadas por Gonçalo Coelho, entraram n'aquella bahia, enseada ou pequeno golpho, em janeiro de 1502, e lhe chamaram rio, no que foram sendo seguidos e imitados até hoje. Lery diz, que os indigenas lhe chamavam *Ganabará*, e, segundo outros, *Nhiteroi* ou *Nictero-hy*, que na lingua do paiz vale tanto como *Mar-morto*, expressão que não deixava de ser significativa, como tantas outras da lingua tupi.

O pequeno golpho em que está a cidade do Rio de Janeiro, capital do imperio do Brazil, é uma das paragens mais encantadoras da terra; um dos melhores, mais frequentados, e espaçosos portos do mundo; um dos mais resguardados de contratempos, não só pelas suas condições naturaes, mas tambem pelo que a arte lhe tem acrescentado.

A planta da enseada aprox ma-se da figura triangular, com um dos vertices no meio da barra, que dista do recesso de Magé menos de cinco legoas portuguezas. A barra é limpa de cachopos, e podia até fechar-se com uma corrente, como a de Havana. Dentro dá fundeadouro abrigado á maior esquadra do mundo.

Esta bahia, que offerecia tanta segurança e recursos ao navegante, continuaram a frequental-a os portuguezes, senhores d'aquella costa desde o principio do seculo XVI, dando-lhe o nome de *bahia de Cabo-frio*. Christovam Pires, que na nau Bretoa explorava aquelles mares, onze annos depois da descoberta, foi alli encontrar estabelecido, sob o titulo de feitor, e com o fim de facilitar aos seus compatriotas o commercio do pau-brazil, uma especie de Robinson, chamado João de Braga, que levantára fragil habitação n'uma das pequenas ilhas de que aquellas pacificas aguas estão semeadas. Entretanto em vão se procurára agora sobre as collinas verdejantes que dominam a cidade, alguns pés reunidos de *ibirapitanga* (pau-brazil) cujo trafico importante tantas nações invejaram a Portugal. Os innumeros cafeeiros, que hoje fazem a riqueza da provincia, substituiram as florestas primitivas.

Fernão de Magalhães, na sua passagem para a descoberta do estreito a que deu nome, entrou na mesma enseada, e lhe chamou *bahia de Santa Luzia*.

Em 1557 o cosmographo Thevet, d'acôrdo com Villegagnon, que protegido por Coligny, alli fundára uma colonia, que apenas durou até 1560, lhe chamou *França antarctica*.

Em 1565 Estacio de Sá perseguia e expulsava de todo o porto os francezes que o defendiam e sustentavam encarniçadamente, ajudados pelos indios tamoyos.

Só depois d'esta completa expulsão é que elle lançou os fundamentos á cidade do Rio de Janeiro, no terreno elevado que vae acabar na ponta do Calabouço, a que chamou cidade de S. Sebastião, em honra do seu joven rei. Estacio de Sá tinha antes levado para a proximidade do sitio, chamado Botafogo, algumas casas para residencia dos atacantes: a ellas se ficou depois chamando *villa* ou *cidade velha*.

A cidade estendeu-se pela planicie, deixando, da parte da terra, o espaçoso campo de Santa Anna, hoje chamado da Acclamação. Não foi bem escolhido o local para continuar a fundação, que invadiu um sitio paludoso, com pouca circulação de ar, e que, para attenuar as condições da sua insalubridade no verão, tem reclamado n'este seculo grandes obras e providencias, que por ventura não poderão vencer tudo sem a destruição do monte do Castello, principal causa que impede á cidade receber diariamente a viração do mar, providencialmente frequente nos paizes tropicaes.

A cidade estende-se hoje para o lado da barra pelas praias da Gloria até Botafogo. Até ao sitio do *Catête*, nome que deriva de um ribeiro que por alli corre, é povoada sem interrupção.

A descripção minuciosa d'aquellas margens encantadoras exigiria volumes. Penetrando na bahia pelo passo comprehendido entre o forte de Santa Cruz e o de S. José a pequena ilha da Lage, situada quasi a meio, ainda lhe apérta mais a embocadura. Passando este ilhote, entra-se na vasta bahia, onde os ilhotes e ilhas são sem numero. A que se chama ilha do Governador é a maior. A ilha da paqueta, que lhe é visinha, sobresáe pelo seu aspecto pittoresco. As pequenas ilhas de Villagalhão e das Cobras, que defendem a entrada da bahia propriamente dita, merecem por isso particular menção. Muitas calhetas bordam todo o circuito da bahia, podendo todas receber pequenas embarcações, e algumas navios de alto porte.

A massa granitica, que alli se designa pelo nome de *Pão d'Assucar*, que campêa á entrada da bahia, e que por muito tempo lhe serviu de demarcação, tambem tem sua historia particular. Audaciosos esforços empregaram os que conseguiram do alto d'esse monolitho gigantesco contemplar a bahia, de 100 braças acima do nivel do mar! Dizem que essa ascensão, de admiravel gymnastica, fôra primeiro feita por um inglez, que subiu até ao cimo do cone, e n'elle hasteou a bandeira da Gran-Bretanha: mas que ella se não conservára alli mais que alguns dias, porque um intrepido soldado portuguez ou brazileiro, a quem tinham promettido baixa, se ousasse fazer tão perigosa ascensão, a foi arrancar. Este successo contará já cerca de trinta ou quarenta annos, porque se diz

occorrido no ministerio de Villa Nova Portugal. Noticias recentes dizem, que aquella subida se tem nos ultimos annos renovado muitas vezes.

Sobre o monte verdejante, d'onde surge o Pão d'Assucar, está situado o forte de S. João, cujo fogo póde cruzar com os dos fortes das ilhas de Villagalhão, Santa Cruz: e Lage.

O porto do Rio de Janeiro póde considerar-se o ponto de reunião dos navios que navegam no Atlantico, como Marselha o é dos que frequentam o Mediterraneo

Merece aqui particular menção a eloquente e pittoresca descripção que da bahia do Rio de Janeiro faz o seu incançavel e illustrado historiador Francisco Adolpho de Varnhagem, no 1.º volume da sua *Historia geral do Brazil*, ha pouco impresso. Com palavras suas damos mate a este artigo.

«É um prodigio da natureza (diz elle), tal que aos mesmos que o estão admirando lhes está parecendo fabuloso.

«Não ha viajante antigo ou moderno, que não se extasie ante uma tal maravilha do Creador. Os que tem corrido os emporios do Oriente, visto as scenas do Bosphoro, admirado os contrastes da deliciosa bahia de Napoles, em presença das cimas mais ou menos fumegantes do seu Vesuvio, todos são unanimes em reconhecer que esses considerados portentos da hydrographia ficam a perder de vista, quando se comparam ao que ora temos presente. Semelha-se antes, em ponto maior, a um dos lagos do Salzkammergut, ou ainda da Suissa, ou da Lombardia, com aguas salgadas em vez de doces, e com verdura variegada, em vez de neve, nos mais altos serros que se descobrem ao longe.

«As serranias azuladas pela distancia em que os pincaros alcantilados e nús parecem encarapitar-se a desafiar as nuvens, abarreirando com ellas dos furacões o porto por esse lado, fazem contraste com os outeiros de terra avermelhada, em cujas cimas coroadas de palmeiras ondêam estas os ramos com a viração da tarde. Os morros graniticos, a logares descarnados, de fórma mais ou menos regularmente conica, que atalayam toda a bahia, contrastam egualmente com as varzeas e encostas vestidas de vigorosa vegetação perenne, cuja bella monotonia elles estão nem que collocados alli para quebrar. Entre esses morros, dois acham-se como de sentinella para registrar a entrada da barra. Chamam-se, em virtude das suas fórmas, o *Pão d'Assucar*, e o *Pico*. Mais para o sul levanta-se a *Gávia*, que parece ter no alto um taboleiro como as dos mastros dos navios. Outro morro parece postado nem que para offerecer sobre si um ponto quasi no firmamento, d'onde o homem fosse absorto admirar o conjuncto de tantos prodigios. Por estar como vergado, a fim de permittir mais facil subida, lhe chamaram o *Corcovado*, denominação esta que, além da falta de caridade da parte de quem a deu, envolve uma especie de ingratidão dos que ora a seguimos.... Tendo a nossos pés a cidade, e em torno d'ella suas vistosas chacras, alcança a vista ao longe o horisonte, onde o farelhão do Cabo Frio parece confundir-se com os plainos do Atlantico.

«Do mais alto das serras que se elevam para o interior manam por entre morros e outeiros uma porção de riachos e ribeiros, muitos dos quaes, depois de precipitar-se de cachoeira em cachoeira, vão despejar suas aguas em saccos e remansos ou pequenas enseadas, que, como para receber aquellas, se encolhem d'este grande seio, vindo a consentir que entre cada duas de taes enseadas se avance e hoje caprichosamente uma esvelta peninsula, cujos airosos coqueiros se espelham nos dois mares que de cada lado mandam ondas salgadas a chapinhar-lhe as faldas. O maior de taes ribeiros, isto é, o que traz sua origem de mais longe, e cáe mais no fundo do golpho (ao qual roubaria o nome que tem, se effectivamente elle fosse rio), chama-se de *Macacú*.»

AMOSTRAS DE UMA TRADUCÇÃO

DOS AMORES DE OVIDIO.

(Advertencia).

Todos sabem.... *todos sabem* é a formula usual, quasi sempre errada, e aqui erradissima; corrijo pois: sabiam os versados nas letras classicas, em quanto os houve, que os amores poeticos dos pagãos differiam consideravelmente dos amores poeticos dos modernos, ficando a vantagem e melhoria da nossa parte. Lá, predominava a sensualidade, que facilmente degenerava em grosseria: cá, predomina o espirito (que tambem, verdade seja, é sujeito a suas degenerações); lá, a mulher ainda não tinha subido, por beneficio de civilisação, mais que um gráo para áquem de escravo, e dois para cima de fêmea.

O poeta portanto epilogando-o em si, para que a posteridade o ficasse conhecendo, o homem do seu tempo, andava pela cidade á caça de formosuras faceis e fugitivas, como hoje um senhor monteia corças e gamos nas suas tapadas. As *Graças* eram filhas de *Venus*, como o proprio *Amor*, chamado então sem disfarces, *Cupido* ou *Cobiça*. Um affecto não aspirava a durar para além da vida; commummente nem de uma estação da mesma vida elle passava! A mocidade o via nascer e acabar, como a primavera as violetas.

.... *apti lusibus anni.*

E mesmo, assim como de envolta com as violetas, um cardume de outras flores alegra e perfuma a primavera, os annos verdes de cada um, não se restringiam escrupulosos a um só galanteio; a existencia era um festim, e festim apressado, que á porta do triclinio se entrevia sempre a morte, como incitamento para o gozo. *Fugaces anni, brevis hora*, era o estribilho d'aquellas lyras. Para as grinaldas, quantas mais rosas; para os brindes, quantas mais taças; para os amores, quantas mais formosas. As rosas, despidas dos seus aculeos; os vinhos, trazidos aos labios por mãos serviçaes antes de os pedir a sêde; as raparigas, sem mais rigores que os indispensaveis para irritar desejos; e quando não, é escutar os cantos que de lá do fundo d'aquellas Athenas e Romas, estão ainda hoje resoando nos echos das cossas cidades, já mais adultas e menos frivolas! Que effeitos nos produzem cá n'esta distancia de dois mil annos? O que faria um descante saturnal passando ao longe pela praça, e reflectindo-se amortecido na meditativa abobada de um templo ou de um palacio. Estranho contraste! São necropoles as que parecem alegrar-se, e povoaçõss viventes ao sol as que devaneiam e reflectem.

Se exceptuarmos a Andromacha e a Penelope de Homero, alguma scena de Sophocles, o inspirado quarto livro da Eneida, o episodio de Ceyx e Alcione das Metamorphoses, um pouco de Tibullo, e quasi todo o Propercio (quanto a nós o unico apaixonado amante de toda a antiguidade) se exceptuarmos estes, ou poucos mais, que rasgam como relampagos a profunda noite do materialismo polytheista, o amor não indigno de se offerecer e de se acceitar, o amor fino e idealisado, o amor dos Lamartines e Hugos, não era ainda conhecido nem futurado; tinha de nascer muito mais tarde; primeiro havia de vir, como veiu.

a reacção, proporcional, e por isso extrema, o salto da sensualidade para a espiritualidade, eschola nebulosa e triste, verdadeira edade media das letras, em que é difficil reconhecer a sensualidade natural através do misticismo.

Da poesia erotica e terrestre dos Anacreontes e Saphos, dos Horacios e Catullos, e da poesia metaphysica, beatifica, e insipida, dos Petrarchas e dos Camões, se fundiu a poesia amorosa do nosso tempo, que indubitavelmente é transição para alguma outra avantajada. Em tudo, e sempre, o melhoramento, o progresso para o paraiso terreal do futuro!

Ora: é mesmo para comprovar por mais um exemplo esta continua evolução da humanidade de estado para estado, e de melhor para melhor, verdade summamente consolativa, e tão efficaz para crear brios e esforços, que nós nos comprouvémos em passar da lingua morta dos antigos dominadores da terra, para o idioma que nós hoje fallâmos, e que tambem algum dia será fossil, quando civilisações novas nos chamarem barbaros, o monumento mais notavel das devassidões da antiga Italia sob o falso titulo de *Amores*, edificado pelo proprio mestre da arte de amar de então, isto é, da arte de gozar e seduzir.

É um escripto, mesmo pela sua immoralidade, precioso, considerado moralmente. É um documento historico; e a historia tem, pelo menos, e sem duvida, este merito: que nos convence da lei da perfectibilidade, e por tanto nos accende desejos de perfeição, que nunca de todo são perdidos.

Com o mesmo intuito, com que nos abalançámos á difficuldade lyrica, e façanha moral, de verter, ainda que paraphrasticamente, os *Amores de Ovidio*, nos decidimos a offerecer no presente e nos seguintes n.os d'esta publicação, cuja indole deve ser litteria e philosophica, recreativa e social ao mesmo tempo, algumas amostras do nosso inédito.

Na escolha não consultámos o merecimento comparativo por parte da poesia ou do estilo; preferimos o que, por menos desenvolto, nos pareceu mais facilmente recebivel.

A integra da obra, se algum dia sair á luz, não será em jornal, mas em livro, com todas as necessarias cautelas e advertencias, para que se resguarde das mãos a que não pertence. A natureza dos periodicos é outra: a sua publicidade prorompe incoercivel para toda a parte; filtram por todas as camadas do povo; apparecem a todos os olhos; cáem em todas as mãos; entram por todos os ouvidos; actuam mais ou menos em todas as almas. Cada coisa no seu logar; no que lhe é proprio nenhuma deixa de servir.

Á MORTE DE TIBULLO.

(*Amores* — Livro III — Elegia IX.)

Das deusas que o mundo adora,
Se mais de uma a dor sentiu
Se a morte entre ellas se chora;
Se a Achilles Thetis carpiu
Se a Memnon carpiu a Aurora,

Musa da triste Elegia,
Essas tranças desordena,
No justo chorar porfia;
O teu nome á tua penna
Assás convém n'este dia.

O vate a quem déste a lyra,
E que te deu tanto nome,
Já de amores não suspira;
Já vivo incendio o consome
Na triste funerea pyra.

Vê qual anda o pobre amor!
Despejado o seu carcaz,
Trocado o sorriso em dor,
O facho apagado traz,
Bambo o arco vencedor.

Pendem-lhe as azas doiradas;
Com tardo passo caminha;
Faces em pranto alagadas,
E co'a formosa mãosinha
Do peito as carnes rasgadas.

Sôltas ao vento lhe estão
Pelos hombros as madeixas;
Em pranto banhadas vão;
E com soluços as queixas
Interrompidas lhe são.

Vae tão misero, vae tal
Como á hora em que deixando
De Iulo o paço real,
Ia triste acompanhando
O fraterno funeral.

A formosa mãe de amor
Jaz não menos delirante
Vendo morto o seu cantor,
Que lá quando ao cerdo errante
Succumbiu seu caçador.

E aos vates chamam sagrados!
E o mundo cego acredita
Serem por numes guardados!
Que n'elles um Deus habita!
Que são de um Deus inspirados!

Sobre tudo a foice estende
A morte, a morte importuna;
A distincções não attende;
É-lhe egual qualquer fortuna,
Até co'o sagrado intende!

Ao canoro, ao thracio Orpheo
Que valeu ter paes divinos!
A lyra que lhe valeu,
Bem que aos monstros mais ferinos
Com seus magos sons venceu!

O mesmo Apollo carpiu,
Entre altas selvas calladas
Porque a Lino extincto viu,
E ao som das cordas forçadas
A dor paterna exprimiu.

Homero, que em larga enchente
De estro altissimo e profundo,
É qual undosa torrente
Que aos vates de todo o mundo
Farta a pleno a sêde ardente,

Homero o mesmo fendeu
A stigia veia avernal:
Tudo que nasce morreu.
Só foge á parca fatal
O metro, que é dom phebeu.

De Troya a guerra impiedosa
Dura dos vates no canto;
E a fama da negra esposa
Que as noites velando em pranto
Desfez a teia enganosa.

ALEXANDRE HERCULANO



Delia e Némese, melhores,
Hão de aos tempos derradeiros
De Tibullo ir nos louvores;
São seus amores primeiros,
São seus ultimos amores.

Que vos prestou, desgraçadas,
Os sacros ritos cumprir,
Sistro nas mãos delicadas,
Em casto leito dormir,
Não ser de homens profanadas?

De vós riu; riu d'elle o Fado.
Ah! que vendo os bons morrer
(Perdoae meu attentado)
Disposto me vejo a crer
Ser Deus um nome inventado.

Piedoso vive; piedoso....
Como os impios morrerás;
Honra os templos fervoroso,
Que dos templos passarás
Co'a morte ao retiro umbroso.

Só versos zombam do nada.
Da morte a sentença infesta,
Ao proprio Tibullo é dada;
De homem tão grande que resta?
O que fecha urna apertada!

Sacro vate, ah! como ousaram
As labaredas tragar-te?!
Como não se horrorisaram
De pôr em cinzas d'est'arte
Peito em que as musas moraram?!

Fogo que a ti se atreveu,
Aureos templos queimaria;
Venus mesma o rosto seu
Afastou da chamma impia,
E ardente pranto verteu.

Mas quanto peior não fôra
Se morrer dos teus privado
Te visse a Phéacia outr'ora;
E lá, teu corpo ignorado
Terra vil cobrisse agora!

Aqui, ao menos tiveste
Mãe que teus olhos gelados
Cerrasse quando morreste,
E dos maternos cuidados
Os ultimos dons houveste.

Tua irmã, piedosa e terna,
Parte egual na dor tomou,
E sobre a pyra fraterna,
Onde as tranças arrancou,
Te deu despedida eterna.

Seus beijos aos teus juntaram
Delia e Némese á partida;
A teu finar te abraçaram
E se te amaram na vida,
Nem na morte te deixaram.

Gentil Delia, outr'ora tua,
Lançando aos restos do amigo
O olhar que em pranto fluctua
Diz «Melhor lhe foi commigo,
Viveu em quanto fui sua.»

Némese então respondeu:
«Consola-te, a perda é minha!
«Teu coração que perdeu?
«Nos frouxos braços me tinha
«No momento em que morreu.»

Tibullo! se resta mais
Dos homens que um nome vão,
Já co'os coros festivaes
Gozas na elysia mansão
Dos prazeres eternaes.

D'entre os vates que povoam
Teu novo imperio, ó Tibullo,
A teu encontro lá voam
Bom Calvo, joven Catullo,
Que' verdes heras coroam.

Lá te abraça com transporte
Gallo, outr'ora socio teu,
Doce vate e varão forte,
Que (se o amigo lh'a não deu)
A si mesmo deu a morte.

Se não findâmos inteiros,
Se além da campa se existe,
Taes são lá teus companheiros:
Ás pias turbas te uniste
Nos sempre flóreos outeiros.

Durmam na urna calada,
Que os teus despojos encerra,
Teus ossos em paz sagrada!
Ás cinzas frias a terra
Nunca te seja pesada!

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

ALEXANDRE HERCULANO.

Um dos mais illustres nomes das letras patrias é incontestavelmente o de Alexandre Herculano. Vocação e talentos superiores, vida de aturados e uteis estudos, tem-lhe feito produzir obras aprimoradas em muitos generos, e conquistado um brazão glorioso para este homem, que, contando pouco mais de quarenta annos de edade, alcançou, pelo seu merecimento verdadeiro, diligencia aturada, e exemplar probidade, grande reputação no mundo das letras, e tal a que poucos portuguezes tem attingido.

As opiniões politicas de Herculano, a respeito da successão do throno portuguez, levaram-n'o a emigrar ainda joven, e a fazer pela França e pela Inglaterra caminho para os Açores, onde se reuniam os liberaes que combatiam pela legitimidade constitucional. Da ilha de S. Miguel partiu em 1832 na luzida expedição de bravos, que veiu desembarcar nas praias do Mindello, e restaurar no reino as instituições liberaes.

Consolidado o novo regimen politico, foi Herculano nomeado bibliothecario da bibliotheca publica da cidade do Porto, e poucos annos depois convidado para a bibliotheca real da Ajuda, pertença exclusiva e domestica da coroa, onde desde então permanece na qualidade de bibliothecario real.

A revolução de 1836 inspirou a Herculano um notavel pamphleto, cujo estilo vigoroso e brilhante rivalisa com o das *Ruinas* de Volney, e o do *Livro do Povo* de Lamenais. Escripto politico de circunstancia, tem bastante merecimento na forma. E hoje pouco conhecido, porque é rarissimo.

Principalmente os primeiros oito volumes do *Panorama*, que constituem a 1.ª e 2.ª interessantes series d'este semanario, que Herculano redigiu então, estão cheios de valiosos trabalhos seus de litteratura e historia, que illustraram o seu nome, e começaram a consagrar e fazer popularmente respeitado o que bem se póde dizer era até alli apenas conhecido e admirado na sociedade dos homens de letras.

A publicação do 1.º volume da *Historia de Portugal*, em 1846, veiu cobrir o nome de Herculano de uma gloria eterna, e aquilatal-o como um grande historiador moderno, um dos nossos maiores pensadores, e o sabio reconstructor da historia patria.

Os outros tres tomos que se tem seguido ao primeiro, até 1853, não tem feito senão elevar cada vez mais a bem merecida gloria do auctor, que com tão illustrada philosophia, tão desusada independencia e coragem, ousou metter hombros a tamanha empreza.

A parte publicada, que tem merecido o louvor de sabios, academias e universidades, recommenda-se pela sua larga e magistral introducção, pela nossa historia politica desde 1097 até 1278, e pela parte da nossa historia social n'aquella primeira epocha da monarchia.

Uma desgraçada occurrencia, nascida na academia real das sciencias (de que Herculano foi vice-presidente, e de que por aquelle motivo se separou), aggravada depois por um acto do governo, fizeram com que o auctor da *Historia de Portugal* se julgasse impossibilitado de continuar a escrever esta grande obra, que com grande prejuizo nacional está suspensa, por causa do obstaculo indirecto que Herculano tem a frequentar o archivo nacional da Torre do Tombo, preliminar indispensavel de todos os passos da sua empreza.

Este infausto acontecimento tem dado occasião a grandes discussões na imprensa e na tribuna, a inqueritos officiaes e academicos, e tudo tem concluido por dar razão ao seu pundonor offendido. Entretando faz-se já esperar de mais a satisfação que elle merece.

A opinião que no primeiro volume da *Historia de Portugal* manifestou sobre a batalha de Ourique, contra as patranhosas invenções de modernos chronistas, moveu-lhe um ataque desleal da parte do clero e de alguns fanaticos. São dignos de ler-se os opusculos que publicou sobre o caso, com o titulo *Eu e o Clero — Considerações pacificas sobre o opusculo Eu e o Clero — Solemnia Verba* (duas) *cartas.... sobre a questão actual entre a verdade e uma parte do*

clero—A batalha de Ourique e a sciencia arabico-academica.

A iniciativa da chronica romance, ou romance historico, entre nós, partiu de Herculano. São quadros bem combinados, bem correctos, e de proveitoso exemplo os seus romances *Eurico o Presbytero—O Monge de Cister, ou a epocha de D. João* I—e as *Lendas e Narrativas.*

Em 1854 começou a publicar a sua tentativa historica *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugual,* de que ha já dois volumes authenticos. É uma obra instructiva e iniciadora, que nos descobre toda essa epocha de lucta « entre D. João III e os seus subditos da raça hebrea, elle para estabelecer definitivamente a inquisição, e elles para lhe obstarem. »

Em 1850 publicou tambem um volume de *Poesias,* comprehendendo a *Harpa do Crente,* que o publico já conhecia desde 1838. Em todas ellas continuou a revelar-se poeta philosopho, e artista esmerado.

O seu opusculo *Da propriedade litteraria, e da recente convenção com França,* manifesta bem as opiniões illustradas, fraternaes e desinteressadas do auctor. O outro, que acaba de publicar-se em 17 de junho ultimo, sobre *A Reacção Ultramontana em Portugal ou a Concordata de* 21 *de fevereiro,* utilissimo para a prevenção publica, é notavel por mais d'um motivo, por mais d'uma revelação.

Muitos outros trabalhos, mais ou menos extensos, sobre assumptos litterarios, historicos, politicos, economicos, agricolas, etc., que por tantas publicações periodicas andam disseminados, estão bem pedindo, pelo seu merecimento e pela avidez com que o publico os busca, que Herculano procure satisfazer a esta anciedade, e dar-nos alguns volumes de florilegio.

Publicou os *Annaes de D. João* III *por Fr. Luiz de Sousa,* e de companhia com o Dr. A. C. Paiva a *Chronica d'El-Rei D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz.*

Herculano é um homem estimavel pelos seus dotes, e sobre tudo pela sua rara austeridade. Occupando-se pouco das miserias do mundo, vive como segregado e independente d'elle, superior a tudo e a todos. Homem gasto em meditações e estudos profundos, com o espirito sempre sobrecarregado de cuidados, não é attributo seu o ser facilmente communicativo; mas, quando o chega a ser, é um conselheiro e um mestre inestimavel.

Não só as lettras lhe são devedoras de serviços relevantes; tambem á administração publica, em que já teve parte directa na presidencia do municipio de Belem, ou consultiva em muitas commissões importantes sobre negocios do estado, tem prestado relevante cooperação.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

I.

Partida.—O *Madrid.*—Presentimentos.—O almoço a bordo.—O enjôo e o egoismo.—*Green tea.*—O meu companheiro de beliche.—Bahia de Vigo.

Seriam sete horas da manhã do dia 28 de março, quando eu, acompanhado de minha mãe, desci ao cáes do Sodré, a fim de embarcar no paquete, que seguia escala para Inglaterra. O tempo estava desabrido e ameaçador. Nuvens negras toldavam o horisonte, e a espaços despediam fortes chuveiros. O Tejo, açoitado por ventos rijissimos, saía do seu habitual remanso, e balouçava em suas aguas lodacentas os frageis escaleres que então o sulcavam. A praça jazia deserta, e as portas fechadas as mais d'ellas. Apeámo-nos. D'ahi a pouco chegaram um dos meus mais proximos parentes e dois dos meus mais officiosos amigos, que, a pesar da inclemencia atmospherica, quizeram acompanhar-me ao «bota-fóra.»

A vista d'aquelle ceo todo lucto, e a aspiração d'aquella brisa toda gelo contristavam-me o coração, já opprimido por encontrados e penosos sentimentos. Ia deixar o que tinha de mais caro sobre a terra: ia avivar, talvez, ou abrir para sempre mal extinctas chagas... Mas era mister partir. Beijei minha mãe, que com as lagrimas nos olhos me seguiu até ao caes; abracei o meu bom parente e dedicados amigos, e saltei no bote. Chovia. Quatro vigorosos remadores começaram a cortar a corrente, não sem difficuldade. O jogar violento da pequena embarcação começou de encobrir-me, e pouco depois perdi de vista o resumido, mas interessante grupo, que para mim concentrava a patria com as suas affeições e com as suas saudades, com as suas tristezas e com as suas esperanças. Abordámos finalmente o alteroso *Madrid.* Tirado o meu sacco de viagem, pagos os barqueiros do preço estipulado e da sua exigencia addicional «para uma gota» subi a escada do magnifico vapor, e notei em tudo o que me cercava feições caracteristicas e inteiramente novas, sobresaindo entre ellas um cheiro particular e não desagradavel, que á falta de melhor e mais exacta qualificação, denominarei o «cheiro inglez.» Encontrei-o ulteriormente em tudo e em toda a parte durante a minha residencia em Inglaterra: tornei a encontral-o, tempos depois, no *Tagus,* e encontro-o ainda hoje em alguns objectos fabricados n'aqelle paiz, livros e curiosidades que conservo como memorias britannicas. Tratei de percorrer a minha nova habitação. Descendo á camara, onde se achava um official de policia, que me revistou o passaporte, pude ajuizar um pouco do que é o *british confort,* (1) pelo bello exemplar que tinha diante dos olhos. Tudo indicava riqueza, elegancia e o mais escrupuloso aceio. Aos lados do comprido salão, em cujo topo havia um grande espelho, estavam os beliches dos passageiros. Fui installado n'um d'elles pelo official competente, homem de physionomia risonha, e de delicadas maneiras. Confesso que me não satisfez de mais a vista do meu alojamento particular. Era um pequeno cubiculo, em que apenas se cabia vertical ou horisontalmente. De um lado estavam dois leitos sobrepostos ao modo de taboleiros, a pequena altura um do outro. Em frente d'elles havia uma especie de canapé almofadado, e uma estreita vidraça. O espaço intermedio tinha um tapete e um lavatorio na frente. Por fortuna pertenceu-me, talvez como novato, o leito inferior, que, a pesar de abafadiço, não requeria o emprego da gymnastica para trepar até elle, e ficava mais a mão para as eventualidades de um primeiro embarque.

Subi á tolda para respirar a aragem livre. Entretanto o navio levantou ferro, e começou a mergulhar seus fortes e velocissimos remos. O sonho dourado de toda a minha vida ia a final realisar-se! Cortando por grandes difficuldades, e endurecendo o coração a impressões bem pungentes, eu emprehendia, só e desprotegido, uma viagem, cujo movel principal era o amor puro, franco, e desinteressado que sempre tive á minha terra e á minha gente. Seria este meu novo sacrificio tão inutil e perdido, como outros da longa historia das minhas decepções? Serviria elle unicamente para devorar a minha escassa fazenda, acabando talvez por devorar-me a mim? Poderia d'elle aproveitar, pouco que fosse e em epocha mais ou menos remota, o meu pobre paiz, tão illudido e desfructado em suas transformações politicas? Taes eram as idéas de profunda descrença ou de fagueira esperança que me agitavam a mente n'aquella situação solemne, em que o destino ia descerrar-me as magnificencias de um mundo novo, o mundo da civilisação.

(1) Conforto inglez, cousa que dá prazer, ou commodidade

O estrepito da agua, batida pelas azas possantes do genio de Watt, a vista fugitiva de Lisboa, que successivamente se escondia com os seus maciços de casas branquejantes, e com os seus montes coroados de torres e zimborios, a rapida passagem por diante dos monumentos de gloria do rei venturoso, tudo me annunciava (o que eu ainda a custo podia crer) que principiava para mim a vida aventurosa do viajante. Entretanto tocou a sineta para o almoço. O serviço de comida a bordo do *Madrid* tinha as apparencias de um banquete. Viam-se sobre a mesa amplas travessas com enormes pedaços de *roast-beef* (2) n'aquelle estado semi-crú, que tanto agrada aos estomagos britanicos. Havia muitos outros productos da genuina cozinha ingleza. Mas com sentimento meu, que estava imbuido das prescripções de Raspail ácerca do enjôo, não appareceu o élassico *Port-wine*, (3) sendo substituido de mal em peior pelo detestavel chá preto, beberagem nauseabunda que não pude levar ao fim. Ainda voltei á tolda, mas por pouco tempo. A borrasca desfazia-se em agua e vento, e o vapor singrando foz em fóra por um mar cada vez mais cavado, mesurava reverentemente as primeiras ondas do Oceano. Certo rebate do estomago, cujo chilo, como é facil de suppor, estranhára a novidade de movimentos, obrigou-me a capitular. Metti-me pois, mais depressa que presumira, dentro da maca, e esperei não muitos minutos as agonias do enjôo...

Evidentemente pelo tempo e pelo tombar compassado e violento do barco, navegavamos em pleno Oceano. O estrondo das aguas quebrando-se no costado do navio, o ranger monotono do cavername, a bulha do vento e da machina eram o pouco harmonioso acompanhamento que tive durante horas de triste anciedade. «Quem me manda a mim ser tolo, disse eu commigo e com os meus botões, para trocar pelos commodos domesticos os dissabores ou os perigos de uma viagem? porque não faço eu como tantos outros, que só de si curam, dando ao diabo tudo que os molesta?» Perdôe o benevolo leitor este desabafo de egoismo, que tinha sufficiente desculpa no meu afflictivo estado. A imaginação representando-me a perspectiva de 5 dias, assim ou peior passados, tornava-me mais medonho o meu soffrimento. Felizmente, ao cabo de bastantes experiencias, pude encontrar posição, se não commoda, pelo menos supportavel. Habituei-me ao sêcco balouço do meu novo berço, e fiz por applacar a insurreição do meu estomago, que se ia tornando permanente. Para esse fim apurei a lingua, e pedi ao nosso *steward* (4) um pouco de chá vêrde. Em boa hora appareceu a chavana de *green-tea* (5) trazida pelo diligente e caritativo criado. Foi, segundo supponho, recebida com especial agrado, porque sobre ella deixei-me ligeiramente adormentar. Ao cair da tarde d'esse dia interminavel consegui tomar um caldo, uma laranja, e um copo de vinho do Porto. Este frugal jantar, variado pelo chá e biscouto ao almoço e merenda, repetiu-se todos os dias que passei embarcado, isto é, deitado.

No leito superior ia um joven e esgrouviado inglez, que, segundo lhe pude tirar do bucho, era empregado na diplomacia. O meu socegado companheiro era, com effeito, de uma reserva exemplar. Creio que durante a passagem não gastou, nem me fez gastar uma duzia de phrases. Sómente de horas em quando dirigia algum monosyllabo ao *steward*, que chamava em tom doce, sonoro, e, se é licito dizel-o, distinctamente aristocratico. Antes do jantar, de que eu não partilhava senão o ingrato cheiro, vi suspensas e como caídas do tecto as longas e esguias pernas, coroadas pelo desarcado tronco do silencioso *attaché* (6) que passou a compôr o seu vestuario, quasi tão esmeradamente como se fosse para um baile de côrte. Invejei-lhe o socego com que fazia estes preparativos. Á hora do costume veiu o criado apagar a frouxa lamparina e fechar a porta do beliche. Cessou o ruido do perpassar da gente. Sómente de quando em quando, a campainha estridente do relogio e as vozes confusas dos homens do quarto quebravam o silencio da noite. Em quanto outros dormiam, velava eu, devorando o tempo com a impaciencia do que não está bem. Sobre a madrugada pude tambem descançar um pouco.

No dia seguinte, pela tarde, entrámos a segura e profunda bahia de Vigo. Não careci de aviso. A progressiva serenidade com que o barco navegava era claro indicio de que pairavamos sobre aguas mais quietas e bonançosas. Levantei-me logo, e escrevi a minha mãe. Vim depois gozar a vista da cidade, e observar o admiravel porto que a Providencia concedeu á Peninsula para refugio dos navegantes em suas tempestuosas costas. A cidade, que se assenta em amphitheatro no fundo do porto, tem um aspecto tristonho e miseravel. O forte que a domina apresenta aos olhos do espectador a tosca frontaria de seus casebres e muros amarellados. A povoação é pequena. Não sobresaem n'ella, como devia esperar-se, os estaleiros, nem as docas, nem os outros estabelecimentos de commercio. Avulta o castello, imagem da guerra, e faltam os navios, imagem da paz! As montanhas que abrigam o porto do lado do norte, são altas, aprumadas e pittorescas. A ria alonga-se para o interior, e perde-se de vista em seu curso sinuoso por entre margens de selvatica belleza. A duas legoas de distancia banha-se em suas aguas a villa de Redondela, nomeada pelo numero dos seus pescadores, e pela abundancia dos seus vinhos.

Em quanto permanecemos fundeados, atracava o barco um cardume de botes gallegos, cujos marinheiros se distinguiam por camisolas vermelho-escuras, e por seus peculiares barretes. Um compatriota nosso, que se destinava a mais longa digressão, mas que não pôde pactuar com o enjôo, saltou em terra. O mesmo faria eu, se d'alli aos Pyreneos houvesse um caminho de ferro! O vapor largou d'ahi a pouco, e eu gozei de novo sobre a tolda a vista das escuras e verdejantes serras, que encaixam parallelamente, n'uma grande extensão, a barra mais segura de Hispanha. Ao anoitecer passavamos o ilheo de Bayona. O frio e a agitação recrescente do mar obrigaram-me dentro em pouco a entrar em quarteis de inverno. Deitei-me, e d'essa vez por largo espaço, até defronte das costas de Inglaterra.

Continúa.

J. FELIX NOGUEIRA.



As *Needles*, rochedos á entrada de Southampton.

(2) Carne assada ou grelhada.
(3) Vinho do Porto.
(4) Criado de bordo, que serve os passageiros.
(5) Chá verde.

(6) Addido a uma legação.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.